

Elza Freire: circulação, exílio e educação

Elza Freire: circulation, exile and education

Nima Spigolon¹

Universidade Estadual de Campinas/Brasil

State University of Campinas/Brazil

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-5427-8169>

E-mail: nima@unicamp.br

Recepção: 03.02.2026

Aprovação: 13.04.2026



Resumo: Neste trabalho intenta-se compreender o exílio de Elza Freire como experiência fundamental na sua vida, que lhe permitiu circulação no campo da educação. A circulação representa possibilidades de releitura, em termos simbólicos e políticos do trabalho de Elza Freire, esposa de Paulo Freire. A trajetória do exílio traça as reconversões identitárias, marca a luta pela sobrevivência passando pelas Américas, Europa e África, e a sua condição de mulher exilada em contextos políticos e pedagógicos. Assim, descrever percursos, recobrar memórias, investigar processos, é forma de tentar impedir governos ditatoriais, recusar situações sociais de controle, opressão, exclusão e, violação de direitos, é fortalecer a sociedade democrática, a liberdade, a educação e a vida.

Palavras-chave: Elza Freire; Circulação; Exílio; Educação; Paulo Freire.

Abstract: This paper attempts to understand Elza Freire's exile as a fundamental experience in her life, which allowed her to circulate in the field of education. Circulation represents possibilities for rereading, in symbolic and political terms, the work of Elza Freire, married to Paulo Freire. The trajectory of the exile traces the reconversions of identity, marks the struggle for survival while passing through the Americas, Europe and Africa, and her condition as an exiled woman in political and pedagogical contexts. Thus, describing paths, recovering memories, investigating processes, is a way of trying to prevent dictatorial governments, rejecting social situations of control, oppression, exclusion and violation of rights, and strengthening democratic society, freedom, education and life.

Keyword: Elza Freire; Circulation; Exile; Education; Paulo Freire.

¹ Pós-doutorado em História, pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU); Doutorado e Mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora da Unicamp.

INTRODUÇÃO

Para mim o exílio [...] foi uma outra experiência de vida
que serviu para a gente entender mais a vida,
se doar mais ao mundo, ter mais compreensão com o outro.
Freire, 1980, p. 204

Elza Freire² nasceu no Brasil em 1916. Foi professora, diretora de escolas e esposa de Paulo Freire. Neste trabalho, procuro compreender Elza a partir da concepção de circulação, ou seja, como são representados seus lugares de relação e reterritorialização a partir de Courgeau (1988) e Bruneau (2009), fundamentada na proposta de Sarlo (2007, p. 18), que resgatou a importância dos sujeitos históricos e das experiências individuais, reivindicando a dimensão subjetiva na história do tempo presente.

Proponho ainda, inspirada nas suas narrativas (auto)biográficas (Freire, 1980), caracterizadas por pluralidades discursivas que entretêm relações diretas com a dimensão temporal da existência e da experiência humanas (Delory-Momberger, 2012) apresentar este texto entremeado com citações de Elza Freire, o que conduz entendê-lo como um rizoma, onde “como em qualquer coisa, há linhas de articulação ou de segmentariedade, estratos, territorialidades, mas também linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e de desestratificação” (Deleuze & Guattari, 2004, p. 8).

Portanto, o texto pretende mapear a trajetória de exílio de Elza Freire como um tempo narrado na história a partir das experiências, alinhando a memória, o passado e o presente como expressões do “que nos acontece, nos passa, nos toca” (Larrosa, 2002, p. 22) e embaralhando as narrativas com elementos factuais e sensíveis (Benjamin, 1997). Ambas são elaboradas tendo como disparadores da trajetória em questão sendo entendida como imersões nessas realidades.

Partindo dessa heterogeneidade que a escrita contém, a concepção adotada é que a condição de exilada de Elza Freire não se confunde com a de asilado ou a de refugiado, pois “o estatuto legal não cobre a diversidade de situações de

² Elza Maia Costa Oliveira nasceu em 1916, no Recife, Brasil. Atuou como professora e diretora de escola. Ao mesmo tempo, trabalhou no Movimento de Educação de Base (MEB), no Movimento de Cultura Popular (MCP) e nos Círculos de Cultura, até 1964 – quando estava em Brasília para o Programa Nacional de Alfabetização (PNA) e veio o golpe, tornando a família exilada. O primeiro retorno ao Brasil se deu em 1979, sendo que em 1986 ela faleceu. Após o casamento com Paulo Régulus Neves Freire, passou a assinar Elza Maia Costa Freire. O casal era conhecido nacional e internacionalmente como: Elza Freire e Paulo Freire (Spigolon, 2022; 2023).

exílio, nem abrange aquelas pessoas portadoras de documentos, mas que não poderiam voltar em segurança, e cuja situação formal foi sempre ambígua” (Costa [et. al.], 1980, p. 18). Deste modo, as opções, se relacionam com a busca por proteção internacional, em virtude de sua discordância do *status quo* vigente no país de origem.

A saída do país é, para a maioria, a única escolha, mesmo que limitada ao absurdo da opção entre ficar e morrer ou sair e viver. Então,

São exiladas as perseguidas, as punidas, as presas e torturadas. São exiladas as que sofreram perseguições indiretas. Esposas, mães, filhas e amantes. São exiladas as que perderam suas condições de trabalho, também aquelas que não puderam suportar o sufoco numa sociedade onde a ditadura desenvolveu tantas formas de opressão. E ainda aquelas que teimaram em ser livres onde as liberdades estavam cercadas (Costa [et. al.], 1980, p. 18).

Elza Freire - professora, esposa e mãe, “brasileira, exilada, minoria [...] descobrindo a par e passo outra condição também determinante e comum: Mulher (es)” (Costa [et. al.], p. 15) – é uma mulher que ocupa posições em diversos tempos e espaços, em esferas públicas e privadas, permitidas a ela num determinado momento, conquistadas numa determinada configuração, seja dentro do Brasil, seja pelo mundo.

Perrot (1989) discute que a presença feminina vinha sendo ignorada, mantida na sombra, excluída dos relatos oficiais e acadêmicos. Os homens exerciam o poder, protagonizavam; ao passo que as mulheres, eram mantidas em papéis subordinados, coadjuvantes, nos bastidores, longe dos refletores. Lopes (2000) e demais autores, consideram quase inexpressiva a ideia de se produzir estudos em torno das mulheres em ciências³. No entanto, são discussões que vem se consolidando em vários campos disciplinares, particularmente nos Estados Unidos, Inglaterra e França. Segundo Fávero & Britto (2002) há poucas produções sobre a presença das mulheres educadoras. Referente ao exílio, Rollemberg (1999) tece considerações semelhantes. As autoras advertem que esse aspecto e peculiaridades podem ser objeto de investigações.

De modo eventual, a ausência da produção acadêmica e bibliográfica sobre mulheres, se faz mais perceptível onde predominou a análise das iniciativas levadas a efeito na esfera pública. Aliás, outra razão desta ausência, a ser considerada, é o lugar ocupado pelas mulheres nos campos da História em geral e, em particular da Educação.

³ Na tentativa de aproximar pesquisadores brasileiros da temática, o *Cadernos Pagu – Gênero, ciências e história*, nº 15, 2000 traz dossiê editado por Margaret Lopes; outros países ver Kohlstedt (1995).

Os processos de exílios provocaram circulação⁴ que, experienciada por Elza Freire e sua família, pode ser qualificada como diaspórica, na proporção em que a memória individual e coletiva se liga concomitantemente a multiplicidade de lugares vividos na diáspora (Bruneau, 2009; Courgeau, 1988; Hall, 2003).

Os espaços de circulação, nesta perspectiva, não são apenas lugares de origem, de trânsito ou de destino, eles representam lugares de relação, portanto, espaços de vida (Courgeau, 1988).

Imersa no exílio, que envolveu circulações seguidas por rotas internas e externas, as fronteiras para Elza Freire se romperam de vez com a saída do Brasil, inicialmente, pelas Américas, via América do Sul, com conexão no Chile e depois nos Estados Unidos. De lá, estabelecendo residência fixa na Suíça, ela passa a circular pela Europa e África. Tais estratégias construídas a partir da trajetória de Elza Freire caracterizam uma diáspora em escala local que se amplia para a regional, nacional e internacional.

BRASIL

O exílio brasileiro pode ser considerado uma experiência vivida por duas gerações, a de 1964 e a de 1968, de acordo com a análise de Denise Rollemberg (1999). Ambas as gerações são expulsas do Brasil pelos ciclos da repressão e da violência e, embora as saídas para o exílio tenham ocorrido continuamente entre e após esses marcadores, é possível perceber que há, em geral, um desconhecimento sobre os diferentes ciclos repressivos da ditadura brasileira, que ocasionaram momentos distintos dessas saídas para os grupos considerados ameaçadores ao regime instaurado pelo golpe civil militar em 1964.

As características específicas de cada ciclo repressivo representam o público-alvo ao qual a repressão e a violência adotadas pela ditadura eram direcionadas, o que possibilita definir dois diferentes grupos de exilados chamados de gerações, em virtude das características compartilhadas entre os membros de cada grupo.

Elza Freire se encaixa na primeira geração de exilados, que começou a deixar o Brasil ainda em 1964 e caracteriza-se pela atuação política através das vias legais e pela vinculação aos movimentos reformistas e partidos existentes

⁴ Optei pelo conceito de circulação para referir-me a trajetória de Elza Freire durante o exílio, porque entendo que ele recobre as situações onde a mobilidade predomina como elemento organizador das dinâmicas sociais, individuais e grupais.

antes do golpe. Já eram na maior parte pessoas maduras e definidas profissionalmente, que operavam dentro da ordem e, em sua maioria, por meio de instituições consolidadas do regime democrático, vinculando-se a diferentes grupos, partidos e ideologias e tendo em comum o fato de ocuparem postos no Governo de Jango.

Essa geração foi expulsa do país pelos ciclos de repressão marcados pelos atos de cassações políticas. Esta característica permite afirmar que a repressão desencadeada nesse período voltava-se aos membros do governo deposto e seus partidários, embora outros movimentos político-pedagógicos e socioculturais também tenham sido violentamente reprimidos, tendo seus líderes e integrantes perseguidos, presos e exilados.

O conceito de geração adotado se ancora em Rollemberg (1999, 2004) e Sirinelli (1996, 2006). Geração é composta por indivíduos marcados por um ou vários eventos:

[...] esses efeitos da idade são às vezes suficientemente poderosos para desembocar em verdadeiros fenômenos de geração, compreendida no sentido do estrato demográfico unido por um acontecimento fundador que por si mesmo adquiriu uma existência autônoma. Por certo, as repercussões do acontecimento fundador não são eternas e referem-se, por definição, à gestação dessa geração e a seus primeiros anos de existência. Mas uma geração dada extrai dessa geração uma bagagem genética e desses primeiros anos uma memória coletiva, portanto ao mesmo tempo o inato e o adquirido, que a marcam por toda a vida (Sirinelli, 1996, p. 255).

O diálogo em torno do exílio brasileiro – discussões, análises e reflexões acontecem aqui nos quadros da primeira geração de exilados, a geração de 1964, considerando alguns critérios como: quem foram e os acontecimentos fundadores. Priorizo a trajetória de Elza Freire, demonstrando como ela fez parte destes processos, experiências e consequências advindas com o golpe, a ditadura e o exílio, e indicando as configurações nacionais e internacionais, nas quais ela e sua família se envolveram e se vincularam das diversas redes: relacionais, institucionais, governamentais, etc.

Os parâmetros que utilizei para delimitar o recorte do texto se fundamentam mais em marcadores temporais do que conceituais, uma vez que compreendo o início do exílio com o golpe de Estado em 1964, e o fim com a aprovação da Lei de Anistia e o retorno (não definitivo) de Elza Freire ao Brasil em 1979. É na intersecção destes tempos e espaços que situo sua periodização.

As circunstâncias me levam a dizer que o exílio se define antes de deixar o país, pois “quando um homem necessita de se esconder é porque perdeu a liberdade!” (Julião, 1978, p. 289). Ações, permanências e vidas em solo brasileiro são drasticamente afetadas numa demonstração do poder arbitrário e abusivo, que

persegue, expulsa e exila. Elza Freire, Paulo Freire e os cinco filhos: Madalena, Cristina, Fátima, Joaquim e Lutgardes juntam-se ao contingente de brasileiros exilados.

Edward Said, aponta que

[...] a vida do exilado anda segundo um calendário diferente e é menos sazonal e estabelecida do que a vida em casa. O exílio é a vida levada fora da ordem habitual. É nômade, descentrada, contrapontística, mas, assim que nos acostumamos a ela, sua força desestabilizadora entra em erupção novamente (Said, 2003, p. 60).

Na linha argumentativa de Said, de *que a vida do exilado anda segundo um calendário diferente e estabelecida do que a vida em casa*, tento compreender a vida de Elza Freire ainda no Brasil. Retomando Julião, Elza foi, muitas vezes, vivendo os inquéritos, as prisões, e a saída para o exílio de Paulo Freire, vivendo perdas e liberdades, essas que se produzem ao se deixar o familiar e enfrentar as distâncias e as estranhezas que geram as circulações.

Politicamente, Elza Freire não tinha problema nenhum, porém, segundo ela:

Para sair do Brasil pedi licença sem vencimentos por dois anos do meu trabalho. Passado esse tempo, deveria reassumir. Então, preferi pedir demissão, senão seria demitida por abandono de cargo [...] No exílio, se a gente não tivesse o mais possível a unificação, a junção da família, todo o bloco em família, isso se quebraria mais, daria mais perda em si. (Freire, 1980, p. 201).

Considero importante compreender o exílio de Elza Freire como uma experiência existencial, além de sua definição no âmbito jurídico, porque lendo alguns recortes (auto)biográficos seus, posso identificar que ela viveu uma relação complexa com o Brasil no período, chegando a sentir em muitas ocasiões a desterritorialização e a diáspora na sua própria terra.

A seguir, traçamos o contexto histórico integrante das Américas à época das circulações às quais Elza foi submetida, para apreendermos uma vida que, de certa forma, foi desapropriada por intransigências políticas.

AMÉRICAS

1960 e 1970 são décadas fortemente marcadas por desencadeamentos de acontecimentos históricos, políticos, econômicos, socioculturais e educacionais que provocaram rupturas, alteraram realidades de países e influenciaram povos em vários continentes, culminando num mundo em que o exílio é condição inescapável, marcadamente na América Latina.

Nesse sentido, alinho-me a uma perspectiva em que o exílio é entendido como mecanismo de exclusão política, terrorismo de Estado, que desenvolve um papel fundamental na configuração das relações nacionais, latino-americanas e mundiais. A experiência de ser exilado, para o indivíduo e o grupo submetido a ele, representa:

[...] dolor y sufrimento – desarraigo, pérdida de identidad, la interrupción violenta de todas las actividades de la vida cotidiana [...] una violación de los Derechos Humanos; por último, los exilados realizaron una labor política de denuncia internacional del terrorismo de Estado⁵ (Yankelevich & Jensen, 2007, p. 11).

A princípio, o exílio brasileiro e latino-americano correspondia aos desvãos das elites políticas vinculadas às Forças Armadas que o estabeleciam enquanto um mecanismo de exclusão institucionalizada e isolamento político. Esperava-se que ele como instrumento punitivo e repressor, funcionasse limitando-se ao controle com menor custo político e econômico se comparado à prisão e à morte, na medida em que ao neutralizar os subversivos e opositores se agia em favor das imposições das hierarquias de poder.

Quando saí, senti realmente que não voltaria mais, de maneira nenhuma. Talvez isso me tivesse dado um certo corte, não pensar mais em volta no que tinha deixado. Viver uma outra vida, diferente que tinha passado. Talvez o momento mais duro tenha sido esse. O momento em que eu saí [...] realmente cortando tudo para enfrentar uma nova vida sem dar a mim mesma o direito de pensar no que havia deixado. Era como se tivesse tido a coragem de dizer: não existe daqui pra cá (Freire, 1980, p. 200).

O diferencial que apresenta a narrativa de Elza, consiste em que,

Com a saída, o corte existiu mais na parte material da não-volta, porque a criatura estruturada, viva, eu mesma ... essa continuou. O corte talvez tenha sido uma defesa, uma espécie de preparação para uma nova etapa que a gente sabia que tinha de enfrentar. Quando tivemos que sair, eu senti que não tínhamos possibilidades de volta imediata, de volta àquela vida. Os filhos sentiram a saída materialmente. Mas viam em nós uma certa segurança, uma estabilidade, estávamos livres de uma situação, não atingia mais. Paulo não corria mais o perigo iminente da prisão. Logo após 64 a coisa foi difícil. (Freire, 1980, p. 205).

Assim, mesmo compartilhando do novo país na América do Sul, acredito que as angústias e os vínculos com o Brasil permaneceram durante um tempo, porque

Paulo saiu primeiro, foi para a Bolívia já com cargo no Ministério da Educação. Em janeiro de 65, eu e os filhos fomos encontrá-lo no Chile. [...] Nem cheguei a pensar em voltar ao Brasil, terminar minha carreira. Achava realmente que seria um corte para a família, não só para Paulo como companheiro, como também para nossos cinco filhos que eram ainda pequenos. [...] For, como se diz, enchi a minha vida com um outro mundo,

⁵ Para trechos em outra língua mantive o original, com exceção de alguns que foram traduzidos.

compreende? E como já disse, aquele mundo eu apaguei, realmente borrei da minha vida, foi realizado, aconteceu. A coisa que realmente a gente sente é no outro dia quando amanheci no Chile, não ter trinta e cinco professores nem 600 alunos que era a população do meu grupo escolar. Isso realmente senti. (Freire, 1980, p. 201).

Porém, em certa medida o exílio também produziu e representou paradoxalmente a ampliação dos horizontes, impulsionou a descoberta de países e suas culturas; mostrou formas e sistemas políticos, proporcionou o acesso a diversas referências, e expandiu os sentidos de humanidade, porque, como professora, nessa resistência, Elza pode aguçar sua percepção, como no caso chileno em relação aos jovens:

No Chile recebíamos jovens que vinham se instalar, mas que ainda não tinham família, que no momento não tinham trabalho, então, tínhamos a visita e a presença deles. É claro que ficavam para o almoço, para o jantar e à noite esticavam um pouco mais; isso me ajudou muitíssimo. Eu realmente via nisso uma grande vantagem, não para os que vinham, mas sim para mim... porque realmente preenchia a lacuna do magistério. Eles se sentiam recebendo, mas eles é que me davam (Freire, 1980, p. 201-202).

Seguindo essas narrativas (auto)biográficas, compreendo que foi na reconversão identitária⁶ que Elza Freire encontrou sentidos tanto no trabalho fora de casa quanto dentro de casa e a liberdade de considerar a experiência como meio de formação, de atenção, de escuta, abertura, disponibilidade, sensibilidade, vulnerabilidade e ex/posição (Larrosa, 2002, p. 108)

A seguir, um depoimento que reforça isso:

Não pensei em trabalhar fora de casa no Chile porque não tinha tido isso depois de casada, o gosto realmente de ser dona de casa. Para mim foi um prazer, porque sempre, todas as manhãs quando saía pro trabalho, uma coisa me chamava a atenção: era que todos estavam em casa, na sua coisa e eu tinha o que fazer fora e não tinha aquela oportunidade de saborear a vida da casa. Talvez por isso eu tenha uma certa culpa por ter assumido todo o trabalho doméstico. Como antes de sair do Brasil eu tinha uma vida muito ativa, me sobrava energia e vitalidade. Precisava me gastar e talvez isso, de certa maneira, explique eu fazer tudo porque não era tão pesado e sim vantajoso, compreende? (Freire, 1980, p. 202).

Ainda em relação à recepção dos chilenos ao grupo de brasileiros exilados pelo Golpe de 1964, percebe-se que esta exerceu uma liberdade diferente, um tipo de empoderamento, pois, Elza, assim se expressa:

Quando a gente sai do país por motivo político, ao chegar em outro país a gente se sente refeita de espírito. Na época em que chegamos ao Chile, o chileno recebi o brasileiro

⁶ Segundo Saint Martin (1995, p. 1023), o conceito de reconversão potencializa a compreensão de processos de formação e construção de identidades ou de composição e recomposição de percursos de sujeitos ou grupos. “As estratégias de reconversão dão visibilidade a rupturas de itinerários considerados esperados e [...] dão lugar a deslocamentos no espaço social, através do abandono de posições instituídas”.

como um irmão: aquilo emitiu um bem estar, uma segurança, uma troca de afetividade tão grande que isso suavizou muito a nossa saída do Brasil (Freire, 1980, p. 205).

E há no exílio

[...] uma espécie de gratidão que a gente sente por aquele povo que nos acolheu, e isso é muito reconfortante. Senti isso mais no Chile, creio que pelo fato da vida estar cortada mais recente. Quando saímos do Chile estávamos refeitos, já sabia que tínhamos possibilidade de viver em outro país que não fosse o nosso (Freire, 1980, p. 205).

De modo geral, a condição do exílio e os processos servem de base a desajustes pessoais, emocionais, profissionais, dão origem a re-ajustes, elaboram-se estratégias e constroem-se identidades.

Nas andanças da família Freire, um outro exílio estaria por vir:

Fomos para os Estados Unidos [...] Eu não falava inglês, era uma língua realmente nova para mim. Acontece que a proposta que fizeram para Paulo, como professor visitante em Harvard, era interessante, e nós sentimos o Chile caminhando para uma situação difícil, principalmente para nós estrangeiros. (Freire, 1980, p. 205).

Essa estranheza de deixar o país natal e o primeiro país de acolhida e a intensidade com que ela é vivida foi algo que Elza Freire relatou desde sua própria experiência no mundo do trabalho e no mundo doméstico, vivenciando culturas diferentes, hábitos e costumes desconhecidos

Nos Estados Unidos, sabendo que era para passar só um ano, eu não trabalhei. Fiquei realmente dona de casa, assisti a cursos na Universidade, classes de inglês... Vi logo que não dava para passar muito tempo. Tudo caríssimo. Mesmo assim fizemos bons amigos que ainda conservamos hoje... e gostei de ver o povo, principalmente o jovem americano, aquilo me encantou. Completamente diferente, aquilo me fez um bem... era uma outra juventude que eu podia comparar com a minha (Freire, 1980, p. 206).

E a condição de ser mulher que provoca o exílio e permite ir além da desterritorialização e ensaiar olhares diferentes e nômades, leituras que permitem analisar as reflexões e as comparações que levaram Elza Freire a dizer que

Senti que lá [nos Estados Unidos] a mulher talvez se imponha mais. Pelo que vivi no Brasil, acho que a mulher era talvez menos valorizada. Não sei se agora será diferente, certos movimentos, uma tomada de consciência maior (Freire, 1980, p. 206).

O exílio como construtor de vias emancipatórias novas, comuns e de percepção do outro, e a variação cultural, artística e histórica como reservatório de utopia, do futuro desejado que movimenta a transformação.

Ao entender que o processo do exílio desperta e se faz acompanhar pela questão do outro, adoto a perspectiva de Tzvetan Todorov (1982), que apresenta a conquista e a colonização da América na abordagem da questão do outro para

analisar as sociedades, alertando para as consequências do não reconhecimento do outro como sujeito de direitos iguais, mas de culturas diferentes. O autor observa que a América foi descoberta, mas os americanos não e enfatiza a descon-sideração do outro ser humano, a comunicação como um instrumento de domi-nação e variações da percepção do outro.

Das Américas, a família Freire parte para a Europa e África.

EUROPA E ÁFRICA

A continuação do exílio representa simbolicamente os movimentos de Elza Freire durante as circulações. Foram esses movimentos que a levaram a vi-ver por quase duas décadas no exílio político.

A Europa marca, sucessivamente, novas partidas e o retorno ao Brasil se afasta junto ao distanciamento da América - fato que impulsionou a inserção de brasileiros exilados em outros continentes, sobretudo no continente africano, para onde seguiu Elza Freire. Através de sua trajetória é o que classifico como sendo a segunda fase do exílio brasileiro, circunscrito na Europa e em África.

É interessante refletir sobre como Elza Freire faz a travessia do Atlântico e chega em outro continente

Quando nós chegamos a Genebra, o contrato de Paulo [Freire] no Conselho [Mundial de Igrejas] não dava direito de que a esposa trabalhasse. Só depois, quando ele não conseguiu renovar o documento de viagem chileno que tinha e pediu asilo na Suíça, é que nós rece-bemos autorização de trabalho. (Freire, 1980, p. 206).

Hirata & Kergoat (2008) apresentam o conceito de divisão do trabalho distinguido entre os princípios que o constitui e as modalidades assumidas no decorrer da história, dentre as quais eu situo o exílio. As autoras evidenciam a permanência da distância entre os sexos e o paradoxo de que “tudo muda, mas nada muda” (2008, p. 267), ou seja, muita coisa muda no plano das narrativas sociais acerca do sexo e do gênero, mas as desigualdades práticas no encaminha-mento da vida cotidiana continuam. Elas propõem pensar o conceito de comple-mentariedade⁷ como elemento que fornece sentido para discutir a relação entre

⁷ Hirata & Kergoat (2008), ao discorrerem sobre a ideia de “*complementaridade*” na divisão do trabalho entre os sexos, salientam que os modos de “*conciliação*” podem ser pensados a partir de quatro modelos: 1) o modelo tradicional que confina a mulher no seio da família e confia ao homem a ocupação dos espaços públicos de trabalho; 2) o modelo da conciliação que, na maioria dos casos, relega à mulher o desafio de conciliar o trabalho externo com a vida familiar; 3) o paradigma da parceria que implica na distribuição de tarefas entre os sexos superando a relação de poder e desi-gualdade; e operando na conciliação mais do que no conflito; 4) o modelo de delegação por meio

responsabilidades domésticas e as ocupações e ascensões trabalhistas. Ele potencializa a inclusão da questão do tempo nas duas esferas, acrescentando os efeitos da maternidade e o impacto das condições de trabalho, bem como as políticas públicas sobre a inserção profissional e carreira de mulheres e homens. Apesar das práticas se manterem fortes e frequentemente marcadas pela desigualdade de gênero, a importância da incorporação da igualdade deve se constituir em luta permanente, pois:

A abordagem em termos de complementaridade entre os sexos insere-se na tradição funcionalista da complementaridade de papéis e remete a uma conceitualização em termos de vínculo social. Ela é coerente com a ideia de uma repartição entre mulheres e homens do trabalho profissional e doméstico e, dentro do primeiro, a repartição entre tipos e modalidades de empregos que permitem a reprodução dos papéis sexuais (Hirata & Kergoat, 2008, p. 270).

Os espaços a serem ocupados por ambos os sexos numa relação de respeito às diferenças reforça o sentido de reciprocidade onde se reconhece que as respectivas contribuições têm valor e fazem parte de um equilíbrio. Entendo que a verdadeira igualdade entre homens e mulheres se faz pelo reconhecimento das diferenças e a consciência de sua complementaridade. A complementariedade ganha corpo nas práticas sociais e sugere a ideia de que é preciso desconstruir o caráter permanente da oposição binária masculino-feminino, pois há um pensamento dicotômico e polarizado sobre os gêneros. Desconstruir essa polaridade significa argumentar que “as mulheres e os homens eram definidos em termos recíprocos e nenhuma compreensão de um deles podia ser alcançada por um estudo separado” (Scott, 1990, p. 5), problematizar tanto a oposição entre eles quanto a unidade interna de cada um para que se reflita sobre os aspectos da vida, incluindo sexualidade, identidade, política e divisão de trabalho.

Como os conceitos de gênero, sexo e complementariedade ajudam a compreender as contradições, as incoerências e as relações sociais constitutivas de Elza Freire durante o exílio? Como eles problematizam estas questões entre Elza Freire e Paulo? E como a autoria e a co-autoria da produção intelectual, o trabalho e o co-trabalho poderiam ser pensados nas dimensões de Elza Freire?

Considerando o exílio como experiência de vida concordo que

é terrível de experienciar. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada. E, embora seja verdade que a literatura e a história contêm episódios heroicos, românticos,

do qual a mulher delega suas tarefas domésticas a outra mulher. A delegação substituiria assim a dupla jornada de trabalho da mulher sem revisão da relação sexuada que marca a divisão social do trabalho entre os sexos.

gloriosos e até triunfais da vida de um exiliado, eles não são mais do que esforços para superar a dor mutiladora da separação. As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre (Said, 2003, p. 43).

Assim, identifico Elza Freire com marcas dessa fratura que origina o exílio, criando circulações e diásporas que marcam a sua inserção no campo da educação como resistência à dor da perda, essa, que segundo Said, se produz ao saber que abandonamos algo para sempre.

A continuação das circulações apresenta uma possibilidade interessante de releitura em termos simbólicos e políticos, por isso as reconheço como espaços de resistência, onde Elza estabelece diferentes conexões, por meio de seu trabalho, de suas interações, de suas adaptações a línguas e condições de subsistência. Nelas – as circulações, se conectam, também, múltiplas histórias locais, nacionais e internacionais, que se tornaram experiências, reflexões e sentido de vida. As formas de criação e de relacionamento de Elza foram influenciadas pelas experiências de circulação e de educação que ela teve ao longo de sua vida, como, por exemplo, sua experiência nas ex-colônias portuguesas na África.

A África precedida das Américas e da Europa representou tempos e lugares de circulação no exílio. A presença de Elza Freire e dos que, como ela exilados, nos países aviltantemente chamados pelos colonialistas portugueses de “províncias de ultramar”, foi marcada pela participação no campo das lutas de libertação nos PALOP⁸ em geral e, particularmente, no da Educação de Adultos. De algum modo, a retomada profissional dela é forjada nos caminhos de África, considerando que as dinâmicas de seu trabalho decorridas das inserções político-pedagógicas ao lado de Paulo Freire no âmbito daquelas realidades revelam o alinhamento com os movimentos revolucionários. A utopia permanecia no horizonte e acontecia com o engajamento militante no esforço de reconstrução nacional, um desafio que não pertencia apenas ao seu povo, fazia parte dos que com eles se comprometiam. Sem condições de aprofundar é importante que questões de África e das inserções político-pedagógicas durante o exílio brasileiro sejam analisadas como parte do processo de colonização, descolonização e dos movimentos para a independência (Alencastro, 2000; Cabral, 1976; Fanon, 1980).

Na condição de exilada política, residindo em Genebra, Elza se envolve com as causas da África e se une aos africanos no esforço comum de conhecer a realidade que buscam transformar e reconstruir por meio da educação, sempre vinculada ao país de origem. Assim, temos:

⁸ Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa.

Nesses últimos anos vivi uma retomada de trabalho que para mim tem sido interessante. Refiro-me ao trabalho de alfabetização em países africanos, uma outra realidade. Já posso comparar com o que fizemos no Brasil (Freire, 1980, p. 206).

Portanto, a trajetória de Elza Freire durante o exílio entrecruzou as circulações realizadas em África e podem ser localizadas nas inserções político-pedagógicas que se efetivaram pelas redes relacionais, institucionais e partidárias organizadas por brasileiros, africanos e outras nacionalidades, tendo em vista a reconstrução dos países recém-independentes através das experiências com educação de modo geral e, em particular da alfabetização de adultos, a sua vinculação com o trabalho de conscientização com a leitura da realidade centrada na compreensão crítica da prática social.

(IN)CONCLUSÕES

A arte de mapear as circulações de Elza Freire suscitou olhar a sua trajetória diaspórica, ou seja, espaços de vida que provocaram experiências de reconversão constante associada ao exílio, capazes de impactar percursos pessoais, escolares, profissionais, familiares, interferir nos processos identitários, nos significados e nas formas de encará-las.

Pensar a trajetória de Elza Freire em forma de mapa permite acompanhar suas circulações. É possível imaginar esse mapa que

é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, invertível, susceptível de receber modificações constantemente [...] Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como uma obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação (Deleuze & Guattari, 2004, p. 29).

A trajetória de Elza Freire inserida neste mapa aponta que as identidades individuais e coletivas estão em contínuo movimento - as identidades não são nem expressões psicológicas de personalidades individuais e nem produtos de estruturas sociais ou de políticas impostas de cima, mas são construções sucessivas de apropriações ocorridas em processos sempre diversificados de ações recíprocas entre os sujeitos e os diversos âmbitos de integrações sociais. Elas resultam de negociações, precárias e fecundas, de processos de apropriações e constituem expressões sociais em construção (Dubar, 2005, 2009; Dubet, 1996; Heller, 1977).

As identidades diaspóricas resultam de construções precárias e inacabadas, pois são marcadas pelos vínculos distantes com o país de origem e pelos elos

estabelecidos nas impermanências em diferentes espaços nos países de acolhimento.

A circulação diaspórica de Elza Freire foi compensada pelo labor da memória. Nestes cenários dos exílios a memória se esforça por ser preservada e recriada, reconvertida para melhor produzir, se reproduzir, se adaptar e ser acesada. Aqui sua trajetória se ancorou nas suas narrativas (auto)biográficas, pois a delicada e difícil questão a refletir sobre a memória não reside naquilo que é possível rememorar, mas em saber lidar com o silêncio, o esquecimento... Se há forças que provocam o enfraquecimento da arte de narrar enquanto discurso vivo, também tais forças fazem aparecer “uma nova beleza ao que está desaparecendo” (Benjamin, 1997, p. 201).

Quis demonstrar com a trajetória de Elza Freire como a condição de mulher produziu uma memória e que no entrecruzamento das narrativas (auto)biográficas os processos do exílio, apesar de heterogêneos e ambíguos, ocorrem simultaneamente e recobrem as experiências de vida dos exilados com dor, perdas e inflexões, e também com possibilidades de trabalho, de emancipação e de redefinição do país de origem.

REFERÊNCIAS

- Alencastro, L. F. (2000). *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul*. Companhia das Letras.
- Benjamin, W. (1997). *Magia e técnica, arte e política*, Brasiliense.
- Bruneau, M. (2009). Pour une approche de La territorialité internationale: lês notions de dispora et de communauté transnationale. In G. Cortès & L. Faret (Eds.), *Les circulations transnationales. Lire les turbulences migratoires contemporaines* (pp. 29-42). Armand Colin.
- Cabral, A. (1976). A arma da teoria: unidade e luta. In M. de Andrade (Eds.), *Obras escolhidas de Amílcar Cabral* (pp. 21-53). Empresa de Publicidade Seara Nova.
- Costa, A. de O. et al. (Eds.). (1980). *Memórias das mulheres do exílio*. Paz e Terra.
- Courgeau, D. (1988). *Methodes de mesure de la mobilité spatiale: migrations internes, mobilité temporaire, navettes*. Editions de l'Institut national d'etudes demographiques.
- Deleuze, G & Guattari, F. (2004). *Rizoma*. ssírio & Alvim.
- Delory-Momberger, C. (2012). A pesquisa biográfica: projeto epistemológico e perspectivas metodológicas. In M. H. M. Abrahão, M. da C. Passeggi (Eds.), *Dimensões metodológicas da pesquisa (auto)biográfica: Tomo I* (pp. 71-93). EDUFRN/EDIPUCRS/EDUNEB.

- Dubar, C. (2005). A socialização: construção das identidades sociais e profissionais. (A. Stahel M. da Silva Trad.). Martins Fontes.
- Dubar, C. (2009). A crise das identidades: a interpretação de uma mutação (M. Amazonas Leite de Barros Trad.). EDUSP.
- Fanon, F. (1980). Em defesa da revolução africana (I. Pascoal, Trad.). Livraria Sá da Costa Editora.
- Fávero, M. de L. A. & Britto, J. de M. (Eds.). (2002). Dicionário de Educadores no Brasil: da Colônia aos dias atuais. Editora UFRJ & MEC/INEP/COMPED.
- Freire, E. (1980). Setembro de 1977. In A. de O. Costa, A. de O., M. T. Porciuncula Moraes, N. Marzola & V. da Rocha Lima (Eds.). Memórias das mulheres do exílio (pp. 200-206). Paz e Terra.
- Hall, S. (2003). Da diáspora: identidades e mediações culturais. (A. La Guardia Resende et. al., Trad.). Editora UFMG.
- Heller, A. (1977). Sociologia de la vida cotidiana. Península
- Hirata, H. & Kergoat, D. (2008). Divisão sexual do trabalho profissional e doméstico: Brasil, França, Japão In A. de O. Costa, B. Sorj, C. Bruschini & H. Hirata, (Eds.), Mercado de trabalho e gênero: comparações internacionais (pp. 263-278). Editora FGV.
- Julião, F. (1978). Esperança é meu signo. In P. C. U. Cavalcanti & J. Ramos. De muitos caminhos. Coleção Memórias do Exílio, Brasil 1964 – 19?? (pp. 287-299). Editora e Livraria Livramento Ltda.
- Kohlsted, S. G. (1995). Women in the History of Science: an Ambiguous Place. *Osiris*, (10), 39-58.
- Larrosa, J. (2002). Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, (19), 20-28.
- Lopes, M. M. (2000). Apresentação. *Cadernos Pagu*, (15), 7-14.
- Perrot, M. (1989). Práticas da Memória Feminina. *Revista Brasileira de História*, (18), 9-18.
- Rollemberg, D. (1999). Exílio entre raízes e radares. Editora Record.
- Rollemberg, D. (2004). Nômades, sedentários e metamorfoses: trajetórias de vida no exílio. In D. A. Reis Filho, M. Ridenti, R. P. S. Motta (Eds.), O golpe e a ditadura militar: 40 anos depois (1964-2004) (pp. 277-296). Edusc.
- Said, E. (2003). Reflexões sobre o exílio e outros ensaios. São Paulo: Companhia das Letras.
- Saint Martin, M. de. (1995). Reconversões e reestruturações das elites: o caso da aristocracia em França. *Análise Social. Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa*, (XXX)134, 1023-1039.
- Sarlo, B. (2007). Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva. Companhia das Letras.

- Scott, J. W. (1990). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação e Realidade*, (15)2, 71-99.
- Sirinelli, J-F. (1996). Os intelectuais. In R. Rémond (Ed.), *Por uma história política* (231-270). Editora UFRJ, Editora FGV.
- Sirinelli, J-F. (2006). A geração. In J. Amado & M. de M. Ferreira (Eds.), *Usos & abusos da história oral* (pp. 131-138). Editora FGV.
- Spigolon, N. (2022). *Elza Freire e Paulo Freire: por uma pedagogia da convivência*. Editora Pangeia, 2022.
- Spigolon, N. (2023). *Elza Freire e Paulo Freire: noites de exílio, dias de utopia*. Editora Pangeia.
- Todorov, T. (1982). *A conquista da América: a questão do outro* (B. Perrone Moisés, Trad.). Martins Fontes.
- Yankelevich, P. & Jensen, S. (Eds). 2007. *Exilios: destinos y experiencias bajo la dictadura militar*. Libros Del Zorzal.